



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

CÂMARA MUNICIPAL DE GUAÍBA

PROCESSO N.º 005/87

Espécie do Expediente: "Concede Título de cidadão guaibense. (Sr. Assis Henrique Magalhães)."

Proponente: Lei Municipal - Ver. Adão Andriotti Silveira

Data de entrada 06 / Março / 19 87

Protocolado sob N.º 1379/81.26

ANDAMENTO

Em sessão ordinária de 10.03.87 o presente projeto
foi lido e aprovado em primeira e segunda leitura. Por

Em sessão ordinária de 11.03.87, o presente
projeto foi aprovado por unanimidade. (Assinatura)

PL 005/1987 - AUTORIA: Ver. Adão A. da Silveira

VERIFIQUE A AUTENTICIDADE EM <https://www.camaraguaiba.rs.gov.br/portal/autenticidadepdf>

CODIGO DO DOCUMENTO: 017992 CHAVE DE VERIFICACAO DE INTEGRIDADE: 1791ECD88099AB680C58683CAE1C72A8



A DOMA E A INSPIRAÇÃO REGIONALISTA
de
ASSIS HENRIQUE MAGALHÃES

ASSIS HENRIQUE MAGALHÃES nasceu em São Sepé, Rio Grande do Sul, no dia 25 de dezembro de 1914. Filho de Antônio Ricardo Magalhães e de D. Branca Pires da Motta Magalhães (ambos falecidos), é casado com D. Alzira Fonseca Magalhães (poetisa Helenara). Tem o casal duas filhas: Mara Alzira e Maria Helena. Três são suas netas: Tatiana, Fabiana e Helena. Seus genros: Antenor de Souza e José Antônio Allgayer Silva. É membro da Casa do Poeta Rio-Grandense. Participa da coletânea "Letras do Sul — 198!", organizada por Nelson Fachinelli, Porto Alegre (RS). Homem, por tradição de família, ligado à terra, ainda hoje, se dedica à agricultura e à pecuária, em sua Fazenda denominada "Terra Dura", no município de Guaíba (RS). Desde menino, vem se dedicando ao estudo da História do Rio Grande do Sul, como parte de um todo — Brasil. Devotado às lides do campo, tem por finalidade, ao editar então —A doma—, transmitir, a todos os que o lerem, uma técnica do gaúcho rural, usada na faina campeira, desde os primórdios da vida Rio-Grandense. Espiritualista e sentimental, complementa este trabalho com textos inspirados também em sua adorada campanha.

Endereço para correspondência:
Rua Bento de Figueiredo, n.º 99, ap. 121 — Tel.: 31-4608
Bom Fim
PORTO ALEGRE — RIO GRANDE DO SUL (CEP. 90000)

A DOMA

À memória de meu PAI.

I — Galope

A doma, é, sem dúvida, das lides campeiras, a mais sensacional de todas! A peonada, dias antes, põe a bagualada no potreiro para alevianar; por uma semana, anda com a animalada em reponte. Põe na mangueira, mete no açude com água à meia costela, para abreviar a adelgaça. No dia aprazado, reúne-se a gauchada da redondeza, cada qual com seu melhor cavalo de rédea, para ajudar na amadrinha.

É chegado o dia da pega, tão ansiosamente esperado. A bagualada já se encontra encerrada na mangueira. Começam então os palpites: — "Pega premero o Tostado qui tem ôio di veiaco!" Diz



outro: — “O Mouro, orcia di tisora é o mais aragano du lou!” Juvenal perna torta pega o laço, rasga a armada, faz a animalada correr, e o lança de tirão! As rodilhas vão se desmanchando no ar e a armada termina bem no fino do pescoço de um Malacara lindaço. A indiada cerca o animal, cada qual esforçando-se para pegar as mãos deste com seu laço; finalmente o crioulo Euzébio, cria da Estância do Verde, consegue o pealo e grita para o pessoal que puxa o laço do pescoço: — “Tenteiem pra não dexá batê cuá nuca nu chão!” O potro empina-se e com um baque seco, cai! — “Tragam o buçal e o pé-di-amigo pra maniá o bagual!” — grita alguém. É embuçalado e maneado; as rédeas enforquilhadas no pescoço; o bocal de couro cru bem sovado, com duas voltas é atado no queixo; o beijo, virado para fora, para não ser cortado pelo tento. Um dos gaúchos sentença: — “Esti sotreta tem o beijo roxo, vai dá queixudo!”

Agora vai ser puxado debaixo. Um puxa pelo cabresto a cabeça para a frente, outro, com as rédeas enroladas nas mãos, tironeia seco para trás; segue neste ritmo cadenciado até que o animal encosta o queixo no peito. Fazem-no levantar; sai estonteado, sacudindo a cabeça, com tanta guasca dependurada, coisas que dantes nunca tinha visto. Levam-no aos tirões até um lugar gramado e macio, para começar a encilha. Os mais velhos e precavidos querem manear de ronda; os mais moços e afoitos opinam: — “Qua nada, foi bem puxado di baxo, já tá podri di manso!” Tudo pronto. Começa agora a disputa; cada qual quer a bolada. Como não chegam a um acordo, resolvem tirar a sorte, que favorece Zé Pedro, domador de profissão, índio retaco e forçado, mais agarrador que carrapato! O bagual é puxado para o campo-fora, terreno plano, anteriormente escolhido, sem cerca, mato e nem sanga perto.

No meio de tanta gente, sempre surge um boi corneta; um piazote, que tinha vindo entreverado na comitiva, mais como curioso, querendo se fazer notado, se aproxima de Zé Pedro e lhe diz: — “Si tá cum medo di caí, dexa pra mim; tu vai nu pitiço zaino nambi pipeiro!” O índio, que era tido como o maior ginete daquelas paragens, não gostou da brincadeira e retruca: — “Si eu caí desta pinóia, corto meus arreio e nunca mais munto a caalo!”

Chega o grande momento. O índio examina as pilchas; tudo em ordem; pega o mango, ata bem as correias das esporas nas botas de meio-pé, se benze, alça a perna, depois de se ajeitar bem nos arreios, grita para o orelhador: — “Larga esta porquera!” É aquela zuada de patas e estalo de relho! O bagual galopeia um pouco, baixa a cabeça entre as mãos e se prende a corcovear e a berrar. O índio folheiro nos bastos, baixa o mango e corre as esporas da ponta da paleta à virilha. O bagual, vendo que não derruba o ginete, levanta



a cabeça e resolve correr, do que aquele se aproveita para golpeá-lo, a fim de começar a obedecer à rédea.

Está terminado o primeiro galope. É desencilhado o animal, lavado para tirar o suor e ir perdendo as cócegas.

II — Sova

No dia seguinte, a lida vai ser braba; a festa terminou; os convidados, à tardinha, cada qual volta à sede da Estância onde exerce suas atividades. Agora é só o pessoal da casa que vai manejar a animalada. Madrugadita, Constanço, índio quase puro, de cabelo corrido caído na testa e com raros fios de barba no queixo, puxa da cocheira e pula em pêlo no Brasão, reprodutor alazão escuro, e vai fazer a recolhida no potreiro, que é grande e termina na Cruz. (Denomina-se assim o cemiteriozinho rústico que serve de última morada àquela peonada taura que morre nas cercanias. Permitam-me dizer que deles me ocorrem nomes como: Dinarte, Marco Louco e Pedro Carlota.)

Chegada a "recoluta", Zé Pedro, Euzébio e Juvenal já estão com seus arreios estendidos na grama, em frente à mangueira. Vão fazer o aparte da bagualada. Cada um fica com seu lote, mas se ajudam mutuamente. Depois de feita a divisão, laçam com um sovêu bem forte um poste da mangueira (que são todos de guajuvira; e pranchões, de angico), e vão formar a bagualada bruta. É uma das partes mais difíceis da doma, que requer muita habilidade e paciência. No entanto, depois dos animais se habituarem, facilita muito o trabalho, pois, é só estender o laço e gritar: "Forma caalo ou frente caalo!", todos se perfilam de frente para os pegadores e é só enfiarem o buçal na cabeça daqueles. Por todo o dia vão pegando... Um monta e dois amadrinham. No fim de uma semana, os animais já revoltos, cada domador pega, encilha e dá sua volta sozinho. A doma é uma lida bruta, mas tem sua ciência! Cada dia vão aumentando a distância percorrida, pois aquela é feita geralmente no verão, época em que os animais estão mais vigorosos, tendo, no entanto, o inconveniente do calor. Porém, em vinte dias mais ou menos, nesta lida cotidiana, os baguais se vão desenvolvendo... Os domadores mais afoitos vão até os bolichos das proximidades tomar uns tragos e mostrar "os progressos", fazendo o animal esbarrar, dando volteios para os lados e proseiam: — "Esti vai dá pra brigá di faca!"

O dono da Estância, geralmente homem campeiro e apaixonado por um bom cavalo, como no caso do velho Edmundo que aqui o representa, supervisiona a doma, apontando os erros cometidos e orienta os domadores para tirarem cavalos sãos e bons de rédea.



No fim do verão, é solta a bagualada para o campo grande, para se recuperar, a fim de enfrentar o inverno, geralmente rigoroso aqui no sul.

III — Sova

Nos primórdios de outubro, de uma primavera radiante, pastagens verdes e crescidas, matos brotados e floridos, dá-se início aos trabalhos com os animais: rodeios, banhos de gado, marcação, etc. Recolhe-se toda a cavallhada da Estância, para marcar os potrilhos, tosar as éguas e apartar os redomões que são tosados de cogotilho, cascos aparados e finalmente, adelgaçados. Vai se tirar então a prova do trabalho até ali realizado. Os potros não apresentam bom aspecto, estando ainda peludos, começando a pelichar. São novamente encilhados um por um e escaramuçados. Constatase felizmente que todos são bons de rédeas, com exceção, às vezes, de algum, como a do baio-oveiro que saiu quebra, é negador de estribo.

Nesta época, o serviço de campo é constante. Aproveita-se para treinar os redomões no serviço de aparte, de laço e noutras semelhantes, referentes à lida campeira. E assim, somente depois de bem treinados de rédea, é que serão enfrenados.

IV — A enfrena

Certa noite, finalmente, os domadores são chamados ao galpão grande, no centro do qual crepita um enorme fogo de chão alimentado por toros de angico. Encontra-se ali o velho Edmundo sentado em sua cadeira com guarda toda tramada de tentos de couro cru. O velho alisa o bigode e fala: — “Chamei os senhores para saber se os redomões já estão no ponto de serem enfrenados e, ao mesmo tempo, quero lhes dizer ser meu pensamento, aproveitando o grande número de animais de pelagem lubuna, formar uma tropilha de todos os cavalos deste pêlo. E os outros serão enquadrilhados. Vou dar ordem ao capataz que lhes forneça duas éguas mansas com potrilhos novos para servirem de madrinhas respectivamente à tropilha e à quadilha”. Zé Pedro, sendo o mais velho e veterano domador, pede licença e pondera: — “Eu acho mió amanhã nós pegá di um pur um, i isceramuçá pro Sinhô jurgá us quistão in cundição!” O velho aceita a idéia e, no dia seguinte, pela manhã, já se encontra à sombra de um plátano frondoso, observando o manejo... Juvenal encilha um lubuno, ata a cola de quatro galhos e sai a trotezito... O animal se arma e troteia miudinho na ponta dos cascos. O domador serra perna, banca na rédea! O cavalo esbarra e quase senta no chão! O velho se entusiasma e grita: — “Este vou tirar para minha montaria!” O mulato por sua vez exclama: — “Este é o caalo Pavão, o rei



da tropia!" Com exceção de três, seu Edmundo acha que os demais estão bons de rédea.

A noite, no galpão da peonada, a charla gira em torno dos rodeios do próximo sábado e das carreiras de domingo, na cancha do Capão das Caturritas, que reunirão a peonada dos arredores e onde se irão tirar "as teimas" sobre a bagualada. Então surgem propostas: — "Pego o caalo Cardial e dô lúis pro Zaino cabano!... Jogo um atado de rapadura e uma garrafa de canha!" E outras apostas.

O domingo amanhece lindo! Ao apontar do sol, começa a surgir o pessoal para a carreirada... Não faltam nem mesmo as carroças das quitandeiras.

Passa-se o dia correndo... Não sobra nem um pilungo que não vá para a cancha!

Os domadores esperam a minguante para enfrenar os baguais, pois há uma superstição de que o cavalo que não recebe o freio pela primeira vez nesta lua fica babão e de pescoço mole. Finalmente, chegado o citado tempo, os cavalos são postos na mangueira somente com o freio, onde ficam certas horas mascando o mesmo e com as rédeas bem curtas, para recolher o pescoço. No fim de uma semana deste processo, são encilhados e montados com todo o cuidado para não se quebrarem da boca. E sobre a doma...

*Agora com essa rima
dou o remate da história,
que vivi em minha infância
e conservei na memória!*

SUBLIME QUIMERA

Encilhei o pingo e saí errante... pelos campos, outrora palmilhados por índios, escravos e guerreiros, que a História registra e a nossa memória alcança.

Na hora do crepúsculo, chego à tapera, na encosta da coxilha. Tudo quietude!

Do rancho em ruínas, paus-a-pique se mostram, na ausência dos torrões caídos, que retornam à mãe terra!

Da mangueira, resta apenas a velha tronqueira, abrigando, em seu topo, a casa do barreiro, que asas bate e grita... quando se encerra mais um dia de jornada.

Ele, vida única existente ali na erma tapera, morada antiga do amor, e hoje... sublime quimera!





CÂMARA MUNICIPAL DE GUAÍBA

PROJETO DE LEI nº 005/87

CONCEDE TÍTULO DE CIDADÃO GUAIBENSE AO
SR. ASSIS HENRIQUE MAGALHÃES.

DR. NELSON CORNETTET, Prefeito Municipal de Guaíba.

FAÇO SABER, que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e
promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º.- É concedido título de "CIDADÃO GUAIBENSE" ao se-
nhor ASSIS HENRIQUE MAGALHÃES, por sua destacada atuação no município, de
forma notória, na política e nas letras.

Art. 2º.- Esta Lei entrará em vigor na data de sua publica-
ção, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE GUAÍBA, em

DR. NELSON CORNETTET

Prefeito Municipal

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE





CÂMARA MUNICIPAL DE GUAÍBA

JUSTIFICATIVA

ASSIS HERIQUE MAGALHÃES.

Nasceu em São Sepé Rio Grande do Sul no dia 25 de dezembro de 1914. Filho de Antônio Ricardo Magalhães e de D. Branca Pires da Motta Magalhães (ambos falecidos) é casado com D. Alzira Fonseca Magalhães (filha Poetisa Elenara) tem o casal duas filhas: Mara Alzira e Maria Helena. Três são suas netas: Tatiana, Fabiana e Helena. Seus genros: Atenor de Souza e José Antonio Allgayer Silva. É membro da casa do Poeta Rio-Grandense. Participa da coletânea "Letras do Sul-198 ! Organizada por Nelson Fachinelli, Porto Alegre RS. Homem por tradição de família ligado à terra, ainda hoje, se dedica à agricultura e a pecuária, em sua Fazenda denominada "Terra Dura", no município de Guaíba RS. Desde menino, vem se dedicando ao estudo da História do Rio Grande do Sul, como parte de um todo - O Brasil Devotado às lides do campo, tem por finalidade, ao editar então - A doma -, transmitir, a todos os que o lerem, uma técnica do gaúcho rural, usada na faina campeira, desde os primórdios da vida Rio-Grandense. Espiritualista e sentimentalista, complementa esse trabalho com textos inspirados também em sua adorada campanha.

Como político sempre se destacou sendo um dos fundadores do Partido Trabalhista Brasileiro em Guaíba, havendo se destacado ocupando vários cargos chegando mesmo a ser Presidente do Partido e havendo concorrido ao cargo de Vice-Prefeito. Com o Senhor Paulo Scalco e sendo atualmente filiado ao P.D.T. Atualmente ocupa um lugar de destaque nos meios literários não só em âmbito nacional, como também na esfera internacional, como poeta e prosador é autor de diversas obras. Conforme segue documentação anexa.

Sendo o que tínhamos para a presente, esperamos Senhor Presidente e Senhores Vereadores que o Projeto seja aprovado.

Vereador-Adão Andriotti Silveira





ASSIS HENRIQUE MAGALHÃES

Filiado ao PDT

Provindo de uma estirpe ilustre, nasceu no município de São Sepé a vinte e cinco de dezembro de 1914, filho do pranteado casal Antônio Ricardo Magalhães e dona Branca Pires de Motta Magalhães.

Seu avô, Joaquim Ricardo Magalhães, cunhado do dr. Antônio Faria o qual foi o primeiro titular do Ministério da Agricultura após a implantação do regime republicano, participou na fundação do Partido Libertador, junto com os drs. Joaquim Francisco de Assis Brasil, Fernando Abott, Ramiro Barcellos, Barros Cassal e outros republicanos históricos.

Seu pai, levou avante a bandeira idealista de sua família participando da Revolução de 1923, com o posto de Major na famosa coluna comandada pelo General Estácio Azambuja, tomando parte em vários combates.

Bem mais tarde, como político foi o fundador do antigo Partido Trabalhista, em Guaíba, agremiação em que ocupou vários cargos, inclusive foi Presidente em seu Diretório Municipal.

Herdou, pois, de seus antepassados um entranhado amor pelas tradições do Rio Grande do Sul o que o identifica como um grande pesquisador dos fatos históricos desenrolados em terras gaúchas.

Com ideais políticos bem definidos o que o tornou um cidadão respeitado e muito estimado em sua comunidade, não se furtou, no momento em que solicitado a empunhar a mesma bandeira desfraldada por seu genitor em Guaíba

no distante ano de 1945, filiando-se ao PTB guaiabense, quando a antiga agremiação dava seus primeiros passos na terra de Gomes Jardim.

Em 1968, em plena vigência do bipartidarismo, manteve sua coerência, ao filiar-se ao Movimento Democrático Brasileiro e por esta agremiação, concorreu como candidato ao cargo de Vice-Prefeito Municipal de Guaíba, como companheiro de chapa de Paulo Scalco e continuou a se fazer presente em todas as oportunidades, participando de campanhas políticas como candidato ou como simples mas ativo colaborador, no entanto, jamais conseguiu se eleger, o que no entanto nunca o abalou emocionalmente continuando sempre a manter seu proverbial bom humor, consciente que não é necessário eleger-se para ocupar um cargo, para tornar-se útil a comunidade e continuar a prestar seus serviços em benefício dos demais.

Sempre ligado às atividades comunitárias e agropastoris, foi Diretor-secretário da Cooperativa Portoalegrense de Lãs.

Filho de tropeiro e com profundas raízes campeiras, continua entrosado nas atividades pecuárias, criando gado e sempre atento às novas técnicas implantadas no setor, tendo sido um dos primeiros no Estado, a utilizar a inseminação artificial em seu rebanho e a implantar pastagens cultivadas em suas terras.

Descendendo de uma família tradicional, vem cuidando com carinho a memória de seus antepassados e com justo orgulho possui uma série de gráficos em que são registrados, rigorosamente exatos, os dados de seus ancestrais até a quinta geração.

Atualmente, ocupa um lugar destacado nos meios literários não só em âmbito nacional, como também na esfera internacional, como poeta e prosador.

É autor consagrado possuindo inúmeras obras, entre as quais, destaca-se "A Doma", por seu conteúdo e pelo linguajar típico empregado pelo autor o que torna seu livro, uma valiosa contribuição ao movimento tradicionalista do Estado do Rio Grande do Sul.

Participa de várias entidades lite-

rárias, entre as quais a Casa do Poeta Riograndense, onde integra o quadro de sócios efetivos.

Cidadão de personalidade marcante, afável e comunicativo, é, em todas as reuniões sociais, políticas ou campeiras a que comparece com assiduidade, alvo de atenções gerais, por sua prosa fácil, descontraída e que, invariavelmente, encerram lições de sabedoria e otimismo, motivo que vem ampliando de maneira notável seu já vasto círculo de amizades.

Em vinte e sete de março de 1940, contraiu matrimônio com a professora e também literata Alzira Fonseca Magalhães, filha do saudoso casal, Antônio Carvalho da Fonseca e dona Serafina Janisch Fonseca. Sua esposa, poetisa, consagrada, continua a ser sua grande incentivadora em todos empreendimentos e atividades que desenvolve.

De seu consórcio tem as filhas, senhoras Nara Alzira Souza, casada com o sr. Antenor Souza e Maria Helena Silva, casada com o engenheiro José Antonio Algayer da Silva, e suas netinhas são: Tatiana, Fabiana e Helena.

Foi líder cooperativista com participação dinâmica e efetiva na fundação e manutenção de várias entidades sociais do gênero.

Iniciou seus estudos na Escola Particular Otaviano M. de Oliveira Júnior e diplomou-se como Técnico em Contabilidade no Colégio São Jaco, em Hamburgo Velho.

Religioso de convicções firmadas, é sectário da doutrina Kardecista, sendo membro graduado no Grupo Espiritualista Francisco Xavier, sociedade que congrega mais de três mil trabalhadores e que mantém uma regularidade de frequência digna de registro. No referido Grupo participa dos oitenta associados com direito a voto.

Foi o Patrono da Terceira Feira do Livro Espírita na cidade de São Jerônimo no ano de 1984 que apresentou desusado movimento. Como político atuante, é filiado ao Partido Democrático Trabalhista e como tal muito tem feito pelo PDT.





CÂMARA MUNICIPAL DE GUAÍBA

Comissão de Justiça e Redação

Parecer N.º

PROCESSO N.º

005/87

REQUERENTE

A COMISSÃO, apreciando a matéria contida no presente processo, opina

Favorável ao Projeto
original

Me parece justa a
Proposição
Favorável

Sala das Comissões, em

Favorável

Presidente

Relator

Favorável
Flamoris Oval



032 1987
18 03 87

Senhor Prefeito:

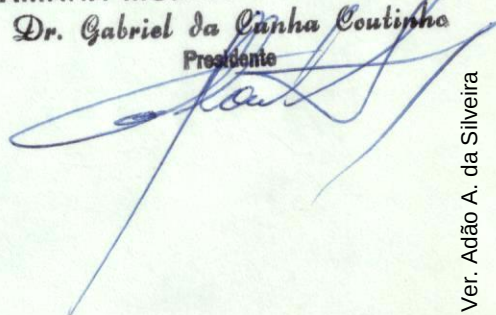
Pelo presente, encaminhamos a V.Sª., em anexo, cópia dos projetos-de-lei nºs. 020/86 e 005/87 aprovados por unanimidade, e o de nº 116/87 aprovado por maioria pela Câmara Municipal em sessão de 17 do corrente, para fins de sanção desse Executivo.

Outrossim, solicitamos-lhe a gentileza de enviar-nos, se sancionados forem os projetos, uma via das leis correspondentes para integrar os arquivos de nossa Secretaria.

Sem outro objetivo, subscrevemo-nos com

Cordiais Saudações.

CÂMARA MUNICIPAL DE GUAIBA
Dr. Gabriel da Cunha Coutinho
Presidente



Ilmo. Sr.
Dr. Nelson Cornetet
M.D. Prefeito Municipal
NESTA.

